



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA  
CAMPUS III- GUARABIRA  
CENTRO HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO DE HISTÓRIA**

**DIEGO CARLOS ESTEVAM**

**AS CATEDRAIS COMO SÍMBOLOS CENTRAIS DAS CIDADES NO SECULO XII E XIII:  
ARQUITETURA GÓTICA E SUAS PERSPECTIVAS NO ÂMBITO ARTÍSTICO E  
RELIGIOSO**

**GUARABIRA – PB  
2014**

**DIEGO CARLOS ESTEVAM**

**AS CATEDRAIS COMO SÍMBOLOS CENTRAIS DAS CIDADES NO SECULO XII E XIII:  
ARQUITETURA GÓTICA E SUAS PERSPECTIVAS NO ÂMBITO ARTÍSTICO E  
RELIGIOSO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresentado à Coordenação do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) Campus de Guarabira, cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Mestre Carlos Adriano Ferreira de Lima

GUARABIRA – PB  
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

E79c Estevam, Diego Carlos

As catedrais como símbolos centrais das cidades no século XII e XIII [manuscrito] : arquitetura gótica e suas perspectivas no âmbito artístico e religioso / Diego Carlos Estevam. - 2014.  
27 p. : il.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.  
"Orientação: Carlos Adriano Ferreira de Lima, Departamento de História".

1. Cidades. 2. Arquitetura gótica. 4. Catedrais. I. Título.

21. ed. CDD 711

**DIEGO CARLOS ESTEVAM**

**AS CATEDRAIS COMO SÍMBOLOS CENTRAIS DAS CIDADES NO SÉCULO  
XII E XIII: ARQUITETURA GÓTICA E SUAS PERSPECTIVAS NO ÂMBITO  
ARTÍSTICO E RELIGIOSO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de Graduação de História da  
Universidade Estadual da Paraíba, em  
cumprimento à exigência para obtenção do  
grau de Licenciado em História.

Aprovado 13/03/2014

  
Prof. Mestre Carlos Adriano Ferreira de Lima / (UEPB)  
Orientador

  
Prof. Mestre Eveline Alvarez dos Santos / (UEPB)  
Examinadora

  
Prof. Mestre Luciana Calissi / (UEPB)  
Examinadora

## SÚMARIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>1. AS CATEDRAIS E A ARQUITETURA GÓTICA .....</b>	<b>8</b>
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>28</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>29</b>



## AS CATEDRAIS COMO SÍMBOLOS CENTRAIS DAS CIDADES NO SÉCULO XII E XIII: ARQUITETURA GÓTICA E SUAS PERSPECTIVAS NO ÂMBITO ARTÍSTICO E RELIGIOSO

ESTEVAM, Diego Carlos

### RESUMO

A proposta deste trabalho é trazer uma reflexão sobre o impacto das catedrais nas cidades do período medieval do século XII e XIII, avaliando de que forma as Igrejas se tornaram os principais edifícios das cidades europeias atentando para o desenvolvimento das cidades principalmente na Europa Ocidental, berço do estilo gótico, tanto nos aspectos econômicos, culturais e principalmente religiosos, para tanto propomos uma leitura preliminar dos principais estilos de arquitetura de estilo gótico. O presente artigo terá embasamento histórico em nomes como Bastide (1971), Gombrich (1993), Lewis Mumford (1998) e Williamson (1998).

**Palavras-Chave:** Cidades. Gótico. Arquitetura. Catedrais

### INTRODUÇÃO

As catedrais<sup>1</sup> de uma cidade carregam consigo um vasto e riquíssimo acervo histórico e cultural, podendo se tornar um dos principais símbolos da cidade devido ao poder do clero no período medieval, mais precisamente do século XII e XIII, onde estes modelos arquitetônicos atingiram seu ápice. Essas catedrais retratam um período onde a arquitetura era a principal forma de expressão artística, onde o estilo que predominava era o estilo gótico<sup>2</sup> marcado de muito luxo e muita suntuosidade das igrejas da época onde esse mesmo tipo de arquitetura valorizava sua verticalidade trazendo um ar de supremacia e influência sobre a população da maioria das cidades.

Esse poderio arquitetônico era propagado de forma bem ampla e forte pelo clero da época, fazendo com que as catedrais fossem consideradas não só o templo para meditação como também um espaço para admiração e símbolo de poder da Igreja Católica. Tinham com o intuito de propagação da fé, mas esses espaços também traziam grande movimentação para as cidades europeias, devido à movimentação não só de fiéis como comerciantes dos mais

---

<sup>1</sup> Igreja principal de um bispado ou arcebispado, onde a autoridade eclesiástica tem sede; sé; matriz.

<sup>2</sup> Foi uma fase da história da arte, que possuía características muito próprias com valores estéticos e filosóficos e que surgiu como resposta ao estilo românico.

variados tipos, e assim acarretaram uma série de transformações nos setores da sociedade do período medieval desde nobreza e o obviamente mostrando todo o poder do clero principalmente no século XII e XIII, onde este mesmo é considerado o século das grandes construções das principais catedrais da Europa.

## **1. AS CATEDRAIS E A ARQUITETURA GÓTICA**

As catedrais desse período além de grande ostentação devido a sua beleza as grandes catedrais possuíam uma beleza ímpar às suas grandes relíquias, aos enormes pórticos e sem deixar de observar as suas esculturas que eram na maioria das vezes ricas em detalhes, traziam consigo também um poder muito forte de e uma série de lutas entre as principais classes do período tanto da nobreza e o clero. A mudança de estilo, e o grande apego a fé cristã fazia com que os reis da época tivessem medo da excomunhão, um exemplo foi Felipe I (1052-1108) rei da França excomungado pelo papa Urbano II por ter repudiado Berta da Holanda para casar-se em segundas núpcias com Bertranda de Montfort, posteriormente foi absolvido no ano de 1104. Mesmo assim, devido aos pecados que cometera durante a sua vida, não quis ser sepultado ao lado dos seus ancestrais na basílica de Saint-Denis, mas sim na abadia de Fleury em Saint-Benoît-sur-Loire.

Esses tipos de construções tinham aspectos cada vez mais suntuosos, as catedrais desses períodos além de belas chamavam bastante atenção. Podemos até perceber que algumas cidades eram construídas ao redor desses monumentos arquitetônicos.

É importante salientar que a fé era o principal sentimento norteador na construção dessas igrejas; Bastide no seu trabalho sobre arte e sociedade estende seus estudos revendo a arte advinda dos segmentos religiosos desde totens australianos, perpassando pelos mitos até chegar à religiosidade humana. O mesmo ao citar Durkeim, coloca a religião em primeiro plano como uma percepção humana que emana todo o espírito artístico e estimula o homem a criação, pois “dos mitos e das lendas que saíram à ciência e a poesia; foi da arte de ornamentação religiosa e das cerimônias do culto que derivaram as artes plásticas”. (BASTIDE, 1971, p.42). Este tipo de definição não abrange toda a complexidade do que é arte, porém elencam de forma sucinta que arquitetura e as religiosidades foram instrumentos bastante importantes para o surgimento de novos estilos de se praticar arte onde sem dúvida surgiu principalmente o estilo gótico e suas magníficas catedrais. Partindo desses apontamentos, em seguida, elencaremos uma breve exposição da histórica política, religiosa

do século XII perpassando pelo apogeu das catedrais no século XIII, século das construções das maiores e mais importantes catedrais do estilo gótico, principalmente na Europa Ocidental que adotaram esses estilos de construções.

Quando Roma se consolidou como um império cristão, a produção artística, literária, escultural e arquitetônica era agregada às influências gregas, pois onde surgiu foi na Grécia como mesmo cita Gombrich:

Foi na Grécia que se descobriu a arte de mostra as “atividades da alma” e, por muito diferente que fosse o modo como o artista medieval interpretava essa finalidade, a igreja nunca poderia ter usado imagens para seus próprios fins sem essa herança. (GOMBRICH, 1993, p.127)

É nesse momento que podemos retratar a mescla dessas influências harmonizando conflitos, para o surgimento de uma arte cada vez mais bela. Williamson historiciza este momento retratando a importância cultural e social que os mosteiros e a classe clerical assumem diante da sociedade medieval:

Em meados do século XII, o prestígio dos grandes mosteiros era incontestável. Os religiosos e intelectuais mais influentes eram monges, como abade beneditino Surger e o organizador da Ordem Cisterciense, São Bernardo de Clairvaux. Os empreendimentos artísticos eram totalmente dominados e controlados pelos principais hierarcas monásticos, e era nos mosteiros que se encontravam as melhores oportunidades de trabalho. (WILLIAMSON, 1998, introdução).

Notamos que foi a partir do século XII que o poder monástico atinge seu apogeu onde veremos nascer um novo modelo de arte para as igrejas, foi esse movimento foi feito de forma bastante lenta como descreve Gombrich cerca do cristianismo primitivo podemos observar como eram esses lugares de culto no século IV e de que maneira transcorreu essa mudança.

Até o ano de 311 d.C. As igrejas eram salas de reuniões insignificantes, mas a igreja passou a ser o supremo do poder do reino, os lugares de culto não podiam adotar os modelos antigos. As igrejas não usaram o templo pagão, mas adotou o tipo amplo de salão de reuniões que nos tempos clássicos eram concebidos por Basílica “pórtico real” antes mercado e recinto para audiências públicas de tribunal (GOMBRICH, 1993, p. 94)

Foi a partir da difusão do cristianismo que provinha da cultura romana, ou seja, na Itália que era um país após a queda do império romano composto de feudos pertencentes a poderosas famílias, que foram se organizando como cidades a partir das catedrais. As famílias que eram vassaladas tornaram-se mais poderosas que as tradicionais com a evolução tecnológica do arado e do moinho de vento propiciando uma força maior na agricultura, fortalecendo o

comércio na região e trazendo a riqueza para as cidades que, por conseguinte, poder e influência para a construção das catedrais, que mais tarde se tornariam o grande símbolo dessa sociedade medieval.

A partir deste momento é notório a importância das catedrais para as cidades, a igreja deveria ser o lugar para atender todos os anseios e a todos os segmentos da sociedade, e nesse momento de puro triunfo da igreja podemos analisar que as catedrais não podiam ser apenas lugar para cultos e encontros das pessoas, pois Deus daquele período não era mais um Deus de miséria fazendo uma alusão ao período medieval conhecido como um período de conflitos e de muitas incertezas, mas Deus era o da prosperidade, esse momento Williamson expõe com bastante clareza como “um dos resultados mais importantes do chamado Renascimento do século XII foi à mudança de atitude do homem perante Deus” (WILLIAMSON, 1998, introdução p. 2).

Os primórdios dessa nova arte tiveram seu berço na França no início do século XII onde posteriormente se espalhou pela Inglaterra onde a princípio foi conhecido como estilo Normando trazido, pois obteve seus primeiros exemplos na Normandia, e, mais tarde ficaria conhecido como estilo românico em toda Europa, esse estilo como foi exposto anteriormente ganhou forma quando os bispos e nobres se tornaram os senhores feudais da Inglaterra e mostrando o seu poderio para a fundação das primeiras grandes abadias do período, nas pequenas aldeias desse período de surgimento, no começo do século XII, Gombrich cita a importância desses edifícios para as vilas e cidades do período.

A igreja era, com frequência, o único edifício de pedra em toda a redondeza; era a única construção de considerável envergadura muitas léguas em redor e seu campanário era um ponto de referência para todos os que chegavam de longe. Aos domingos e durante o culto, todos os habitantes das cidades podiam encontrar-se ali, e o contraste entre o edifício grandioso, com suas pinturas, suas talhas e esculturas, e as casas primitivas e humildes em que essas pessoas passavam a vida devia ter sido esmagador. (GOMBRICH, 1993, p. 129)

Outro ponto bastante importante e que as primeiras igrejas desse período não abandonaram de vez o estilo romano de construir seus templos, podemos dedicar o século XI e XII como um período de grandes experimentos no que diz respeito à questão de arquitetura que foi bastante importante para a consolidação do que, mais tarde se tornaria o estilo gótico, estilo este, mas bem refinados observamos bem a existência de muitas igrejas do período principalmente no Sul da Inglaterra que ainda eram construídas como na Roma antiga, essas igrejas eram construídas na forma de basílica, porém a uma diferença bastante peculiar

enquanto nas basílicas clássicas eram usadas colunas que sustentavam entablamentos retos e também as construções de vários templos da época em forma de cruz, já as igrejas românicas tinham uma estrutura um pouco mais complexa e bem mais arrojada, como mostra Gombrich de forma bem explicativa essas novas estruturas.

Nas igrejas românicas e normandas, encontramos geralmente arcos redondos (semicirculares) assentes de em maciços pés-direitos. A impressão geral causada por essas igrejas, interna e externamente, é de uma robustez compacta. Há poucas decorações, as janelas são escassas, mas as paredes e torres sem quebras lembram-nos as fortalezas medievais. Essas poderosas e quase desafiadoras montanhas de pedra erigidas pela igreja em terras de camponeses e guerreiros que só recentemente haviam sido convertidos de seu modo de vida pagão parecem expressar a própria idéia de Igreja Militante – isto é, a idéia de que aqui na terra é tarefa da igreja combater as forças das trevas até que a hora do triunfo desponte no dia do juízo final. (GOMBRICH, 1993 p. 130)

A partir desse enfoque proposto por Gombrich, podemos analisar que foi a partir desse momento que as igrejas deixaram de se tornar um lugar de reuniões, como foi proposto anteriormente, e passou a ser um lugar para meditação e prática da fé, o respeito e a prosperidade já abriam caminho nesse período. Identificamos uma arquitetura mais fiel ao que estava por vir em relação às grandes catedrais, foi a partir desse momento onde se notou a existência de escultura dentro desses edifícios, foi precisamente na França do século XII, onde essa prática começou a ser difundido um incentivo a mais na pratica cristã. Observando notadamente que a expressão usada por Gombrich de uma “Igreja Militante” começava a ganhar seus contornos e os homens santos começavam a ganhar força nesse momento, a igreja sem duvida nesse momento ganhava um papel de destaque na formação dessa sociedade, bispos sempre dispostos a difundir um Deus que até os reis do período temiam com medo da excomunhão, as igrejas estavam se tornando cada vez mais um edifício de muita pompa e bastante respeito, essa evolução no que chamamos de “decorar”, pois e sempre importante salientar que cada elemento existente dentro da igreja tinha sua função específica no que se refere aos ensinamentos da igreja.

Contudo isto foi impossível não detectar o poderio de cada templo nesse momento, onde cada povo tinha seu santo e suas relíquias, objetos estes que tinham a finalidade do aumento da fé e o do respeito pelo povo cristão a igreja estava atingindo seu ápice em relação à devoção dos seus seguidores, e os bispos e abades se tornando cada vez mais figura de alto destaque nos seios da sociedade, Williamson expressa de forma bem caracterizada esse momento onde as catedrais começam a abrigar cada vez mais esse sentimento de devoção.

A reputação de cada catedral dependia do status de suas relíquias ou de seu santo padroeiro, e era do interesse de qualquer bispo estabelecer fortes vínculos entre suas igrejas, as autoridades civis e a população. [...] Não se deve esquecer como a catedral era importante na vida do cidadão medieval muito embora seja necessário reconhecer que a maioria dos relatos que descreve as relações entre a cidade e o cabido foi compilada por cronistas eclesiásticos inevitavelmente unilaterais. (WILLIAMSON, 1998, p. 2).

As relíquias usadas nas igrejas tinham um valor inestimável para os fiéis do cristianismo, era o elemento divisor da figura e do poder de Deus na terra, as figuras não passavam só grande devoção, mas até mesmo de um respeito e de temor em excesso da figura divina, a população se organizava em torno destas imagens. A população achava essas relíquias tão quanto importante da figura do representante clerical, existiram muitas epopéias no que diz respeito de milagres causados por essas imagens, onde estes pensamentos povoavam os pensamentos das pessoas quase que diariamente que viviam no período medieval, a opulência das igrejas desse período se juntando ao valor dado as estas imagens foram um grande trunfo da igreja para este período, o poder eclesiástico foi bastante latente nesse período como uso dessas imagens, Gombrich faz uma ressalva bastante ligada a esse poderio que as esculturas dos pórticos dessas igrejas ocasionaram na mente humana do período medieval.

Assim, os ensinamentos da igreja acerca do objetivo final de nossa vida terrena foram consubstanciados nessas esculturas do pórtico de uma igreja. Essas imagens perduraram no espírito das pessoas ainda mais poderosamente do às palavras do sermão do pregador. (GOMBRICH, 1993, p. 134)

Um aspecto importante para os artistas da época é observar de que forma os clérigos se tornavam uma espécie de “assessores”, ao desenvolverem um papel na configuração de cada escultura e relíquia, sempre a procura da perfeição os artistas da época sempre procuraram fazer as formas e suas escultura como realmente viam o mundo, procuram sempre atingir o mais perto possível da naturalidade, ou seja, a nova composição do artista desse período das grandes construções estava ligada a traços mais rebuscados e cada vez mais ricos em detalhes, a liberdade artística do período foi tratada de uma forma inovadora e muito revolucionaria afinal estamos falando do período onde a tecnologia de ponta era nada mais nada menos que o arado animal e a preocupação desse período era oferecer uma maior aproximação e uma maior comunicação com Deus. Através desse enfoque os artistas da época procuraram sempre ser os mais originais e próximos possíveis do que seria o paraíso, onde

este paraíso seria as catedrais com suas esculturas, nesse ponto Gombrich faz um pensamento muito sucinto.

Podemos ler a história que está fora da página sem sermos forçados a visualizá-la. E como artista pôde prescindir de qualquer ilusão de espaço ou de qualquer ação dramática, pôde arranjar suas figuras e formas de acordo com linhas puramente ornamentais. A pintura estava, de fato, a caminho de se converter numa forma de escrita por imagens: mas esse retorno a métodos mais simplificados de representação deu ao artista da Idade Média uma nova liberdade para experimentar com mais complexas formas de composição (composição = pôr junto). Sem esses métodos, os ensinamentos da igreja jamais poderiam ser traduzidos em formas visíveis. (GOMBRICH, 1993, p. 140)

Contudo o que observamos bastante até o momento foi o desenvolvimento arquitetônico que esses edifícios sofreram, o estilo românico foi sem dúvida um grande divisor para a construção desses templos do cristianismo, porém foi a partir dessas construções onde foi possível os artistas desenvolverem suas igrejas com a implantação de abóbadas e também de exporem de maneira majestosa suas estatuas e esculturas, a necessidade de se construir uma igreja, mas imponente e menos obsoleta era constante. Partindo desse ponto verificamos a mudança pela qual esse estilo românico, mas precisamente na França setentrional, sofreu uma grande alteração com várias invenções técnicas. Foi a partir desse momento que surgiu o estilo gótico, que perdurou na Europa Ocidental por bastante tempo principalmente na Inglaterra e na França. Como já havia falado antes que esse novo estilo de se construir uma catedral, onde podemos analisar na explanação de Gombrich o poderio arquitetônico e o expoente que esse novo estilo fez com que essas catedrais se tornassem esses templos de magnífica beleza e verticalidade.

Era o aparecimento do estilo gótico. [...] Era principalmente uma invenção técnica; contudo, em seus efeitos, tornou-se muito mais do que isso, foi descoberta de que método de abobadar uma igreja por meio de arcos transversais podia ser desenvolvido de maneira [...] sistemática e com objetivos mais ambiciosos do que os arquitetos normandos sequer chegaram a imaginar. [...] era possível erigir uma espécie de estrutura de pedra para manter o edifício coeso. Bastava empregar pilares leves e costelas estreitas nas arestas da abóbada. [...] Não havia necessidade alguma de pesadas paredes podiam ser abertas grandes janelas. Esse era a idéia dominante das catedrais góticas desenvolvidas no Norte da França [...]. O princípio do cruzamento de “nervuras” não era bastante, por si só, para esse estilo revolucionário de construção gótica foi necessário um número de outras invenções técnicas para tornar possível o milagre (GOMBRICH, 1993, p. 137)

O novo estilo foi desenvolvido ao longo de toda Europa tendo seu ápice na segunda metade do século XII, é importante salientar também que esse novo estilo dependia dos mais

variados cálculos matemáticos, pois além de ser uma inovação da arquitetura abobadar uma igreja por meio de arcos transversais, era uma tarefa que exigia um grande senso de responsabilidade e de atenção. É possível dizer também que esse novo estilo necessitava também de um exercito de trabalhadores munidos de muita força bruta, pois estas catedrais eram erigidas de formas cada vez mais complexas. Um grande exemplo disso e a catedral de Notre-Dame que demorou nada mais menos que 57 anos para ficar pronta, o novo estilo era sem dúvida um estilo rebuscado e de grande opulência. As catedrais realmente tinham atingido o seu ápice como as grandes construções do período medieval demonstrando todo esse vislumbre. No capítulo a “A igreja Triunfante” Gombrich expressa toda essa magnificência e de como os clérigos da época eram os verdadeiros donos desses edifícios.

Fig.1. Catedral de Notre Drame de Paris vista do ar mostrando a forma de Cruz e os “arcobotantes”



Fonte: GOMBRICH, 1993, p.138

As grandes catedrais, as igrejas próprias dos bispos (*cathedra* = trono do bispo), do final do século XII e início do século XIII foram quase sempre concebidas numa escala tão imponente e arrojada que poucas, se algumas porventura houve, foram completadas exatamente como planejadas. (GOMBRICH, 1993, p. 140)

A nova catedral era uma estrutura de puro requinte e beleza, retratado da melhor forma possível para os clérigos da época, a nova igreja era um espaço convidativo, fazendo esquecer as paredes sem vida e sem cores que as igrejas românicas tinham deixado de herança, a população das cidades sem dúvida nenhuma aprovaram esse novo estilo, eles estavam cada vez mais convictos de que esse espaço acolhedor traria ainda mais um pensamento de fé e os aproximaria muito mais de Deus. Várias igrejas foram construídas na época e não podemos deixar de relevar de que a forma românica contribuiu para o aparecimento do estilo gótico, foi à mistura de dois tempos num só, a conjuração de dois ideais e propostas juntas, o homem na escuridão e sem conhecimento e depois o homem em busca da luz e do conhecimento, ampliando suas direções e seus espaços e também ampliando seu jeito de pensar e viver. Partindo desse proposto pode viver também em busca da luz que as catedrais buscaram retratar na arquitetura esse ideal, as novas catedrais além de novos edifícios suntuosos e símbolos das cidades e das sociedades da época, a relação ente estrutura e aparência, e função e forma aliado a um espaço geometricamente pensado, editado e bem composto atributos estes que trazem também as igrejas do estilo gótico sem duvida nenhuma beleza, e uma linguagem bem mais próxima do edifício com o fiel cristão, ou seja, a igreja praticamente dialoga com o cristão desse período, as construções desse período e impossível não notar a presença e o temor do cristão perante a sua igreja.

Outro ponto marcante e forte desse novo estilo foi à abertura de janelas suprindo a necessidade de ampliar o interior da igreja, elemento este que também liberta essas novas catedrais do peso das paredes da igreja do período românico, onde as igrejas mais antigas transmitiam uma idéia de um lugar que oferecia abrigo as investidas do mal, já a visão do estilo gótico têm uma linguagem também de vislumbre a função desse novo estilo gótico de iluminar toda a catedral com a luz natural do sol e divinamente proposital fazendo que o interior da mesma seja um lugar bem mais requintado e suntuoso, no capítulo da “Igreja Triunfante”, Gombrich demonstra esse vislumbre causado por essas novas experiências das catedrais.

Fig.2. Janelões de uma Igreja gótica a Sainte Chapelle em Paris concluída em 1250



Fonte: Gombrich, 1993, p.139

As novas catedrais davam aos fiéis o vislumbre de um mundo diferente. Eles ouviram falar, em sermões e cânticos, da Jerusalém Celestial com seus portões de pérolas, suas jóias de incalculável preço, suas ruas de ouro puro e cristal transparente (Apocalipse. XXI). Agora, essa visão descera do Céu a Terra. As paredes dessas igrejas não eram frias e intimidativas. Eram formadas de vitrais policromos, que refulgiam como rubis e esmeraldas. Os pilares, nervuras e rendilhados despediam cintilações douradas. Tudo o que era pesado, terreno e trivial foi eliminado. Os fiéis entregues à contemplação de toda essa beleza podiam sentir que estavam mais próximos de entender os mistérios de um reino além do alcance da matéria. (GOMBRICH, 1993, p. 141).

As novas catedrais aproximaram como podemos notar cada vez mais seus fieis, com o uso desses novos estilos, a situação do fiel se tornou mais cômoda a entender os ensinamentos da igreja de uma forma geral, as relíquias de cada igreja como foi falado já anteriormente teve um papel de destaque, os clérigos cada vez mais valorizavam esse novo estilo de pensar da igreja do período, pois isto atraía cada vez mais números de fiéis dispostos a contemplar os dogmas do cristianismo. Sem duvida essas esculturas contribuíram demais para o fortalecimento dessa relação. As novas catedrais possuíam várias dessas esculturas principalmente em seus pórticos, onde cada elemento tem seu significado. Era bastante comum encontrar varias dessas esculturas nos capitéis das igrejas do período, e principalmente na sua entrada não deixando de lado seus detalhes em cada figura retratada. É

importante também observar que os elementos existentes nas igrejas além de apresentar caráter de devoção e procura da fé, alguns destes elementos também tinham um caráter educativo onde um grande exemplo deste se encontra na catedral de Notre-Dame na França onde a mesma mostra uma figura de uma gárgula no Portal do juízo final da igreja. Algumas esculturas tinham aspecto amedrontadores no objetivo desta mesma servir como elemento coercivo, remanescentes dos primórdios do período medieval, onde mesmo essas esculturas e as entradas das igrejas eram elementos de puro destaque no universo dos fiéis da época como relata Gombrich.

Dessa maneira, quase todas as figuras que se aglomeram nos pórticos das grandes catedrais góticas estão assinaladas por um emblema, para que o seu significado e mensagem possa ser entendido e meditado pelos fiéis. Em conjunto, elas formam um consubstanciação dos ensinamentos da igreja [...] E, no entanto, sentimos que o escultor gótico meteu ombros à sua tarefa possuído de um novo espírito. Para ele, essas estátuas não são apenas símbolos sagrados, lembretes solenes de uma verdade moral. Cada uma delas deve ter constituído para o artista uma figura autônoma, diferente de seus vizinhos em sua atitude e tipo de beleza, e imbuída de dignidade individual. (GOMBRICH, 1993 p. 142)

Fig.3. Gárgulas da Igreja de Notre Dame, portal do Juízo Final.



Fonte: WILLIAMSON, 1998, p.59

Os artistas góticos como foi mostrado nas citações anteriores, realmente atingiram seu ápice artístico. Era visível o modo como eles estavam querendo atingir a perfeição nas suas mais diferentes esculturas, a riqueza de detalhes foi um marco desse período, fazendo com estes artistas se tornassem figuras de destaque para a arquitetura da época. Muitos desses artistas simplesmente aprendiam nas mais diversas edificações eram ensinados durante um determinado tempo seguindo um rígido controle de qualidade para posteriormente poder

esculpir as imagens e decorar a igreja. É interessante também salientar que essas figuras sempre estavam dispostas a enriquecer as realizações de seus predecessores, fazendo com que o estilo gótico ganhasse um valor artístico cada vez mais próximo da perfeição. Esse tipo de escolaridade para os artistas e bem especificado por Williamson.

Artesãos de imagens trabalhavam em pequenos ateliês, com o único aprendiz. As regulamentações incluíam [...] regras para o aprendizado dos iniciantes na profissão, (por exemplo, que devia durar no mínimo sete anos) e davam conselhos sobre o procedimento corretos para se esculpirem imagens e crucifixos: ninguém pode e nem deve trabalhar em dia santo [...] se não como material apropriado [...] se para outra pessoa que não seja um clérigo, ou homem da igreja ou cavaleiro, ou nobre para seu uso. [...] imagem que não seja esculpida numa única peça [...]. Nenhum pintor de imagens pode ou deve vender um trabalho no qual o ouro [...] tenha sido aplicado ao estanho [...] o trabalho lhe é imperfeito (WILLIAMSON, 1998, p.8)

É possível ver que seguia toda uma regra para os artistas góticos onde eram observados minuciosamente antes de serem contratados como mestres, para a construção de suas igrejas e esculturas. É importante salientar também que até no seu criar da escultura e dos objetos que seriam usados como as relíquias das catedrais o procedimento era bem claro e nunca se deixava de lado a questão da fé. Outro dado importante e que o uso destes adornos só eram permitido a pessoas que estavam ligadas ao clero, e também a pessoas que estavam ligadas a nobreza como explica bem Williamson na citação anterior, onde este uso também era feitos por nobres cavaleiros.

Um aspecto importante despertado nesses artistas foi como eles estavam preocupados cada vez mais de se aproximarem da perfeição no que se diz respeito de como retratar as figuras simbólicas do período medieval, eles estavam sempre numa busca incessante de observar o dom do ser natural, mostrar as figuras com cada vez mais clareza, onde os fiéis católicos também pudessem entender de uma forma bem mais fácil o que cada monumento ou escultura queria expressar, mas obvio sem deixar de lado suas formas cada vez mais ricas em detalhes esse momento majestoso foi descrito por Gombrich da seguinte maneira no capítulo “Igreja Triunfante”.

Os artistas góticos quiseram entender a fórmula antiga para os corpos vestidos que lhes fora transmitida. Talvez se voltassem, em busca de esclarecimento, para os remanescentes das obras pagãs em pedra, túmulos e arcos triunfais romanos, dos quais podiam ser vistos muitos na França. Assim recuperaram a perdida arte clássica de deixar que a estrutura do corpo se mostrasse sob as dobras da roupa. O nosso artista, de fato, está orgulhoso de sua habilidade em dominar essa difícil técnica. [...] esses escultores góticos já não estavam apenas interessados no que representavam, mas também nos problemas e como representa-lo. Uma vez mais, como no tempo do grande despertar da Grécia, eles começaram a observar a natureza. (GOMBRICH, 1993, p.143)

Fig.4. Pórtico do transepto sul da catedral de Estrasburgo.



Fonte: GOMBRICH, 1993, p.142

É notório a preocupação do artista desse período com o natural, foi mostrado isso na maioria das catedrais do século XIII, o cuidado exacerbado com a minúcia era bem claro os artistas da época estavam cada vez mais dispostos a esculpir e pintar a natureza de uma forma bem mais expressiva, obviamente sem nunca deixar de lado a questão do sacro, onde as catedrais fora agraciadas com essas obras cada vez mais bem elaboradas.

Outro ponto importante que devemos salientar e como foi enunciado anteriormente foi à importância que essas igrejas tiveram para os anseios da sociedade de um modo geral olhamos que a partir dessas construções cidades inteiras foram construídas ao seu redor, muitos aspectos foram delineados a partir dessas grandes catedrais e dessa revolução causada por elas em determinados espaços das cidades, o número de cidades desse período sem dúvida teve uma aumento espetacular, com isso fazendo com que as cidades também se tornassem cada vez mais populosas, isso graças às grandes construções do período onde estas trouxeram uma infinidade de conseqüências para as cidades na maioria delas positivas sem dúvida atentamos para esse tipo de organização secular no período medieval principalmente no século XII e XIII, o ideal proposto por Mumford em seu livro no capítulo “Clausto e Comunidade” exemplifica bem os acontecimentos da cidade medieval nesse período no que diz respeito às conseqüências seculares.

A colônia monástica tornou-se, na realidade, uma nova cidadela: um ponto religioso de apoio, que impedia que a retirada geral se encaminhasse por uma só estrada. Era, porém, uma cidadela da alma e seu palácio era a abadia. Esse paralelo não é inexato. Se foi palácio real que instrumentos seculares de civilização urbana tomaram forma pela primeira vez, foi no mosteiro que as finalidades ideais da cidade medieval foram postas em ordem, conservadas em vida e afinal renovadas. (MUMFORD, 1998, p. 297)

A organização das cidades da época foi muito bem estabelecida a igreja era sem dúvida o principal centro norteador do modo de vida medieval, tudo se organizava ao redor das catedrais, sem esquecermos é claro do modo de vida sacro que cada indivíduo do período tinha por uma espécie de obrigação. Os ensinamentos da igreja nesse momento serviam de triunfo da igreja como centro de organização das sociedades nunca foi deixado de lado pelo contrario foi cada vez mais fortalecido esse laços de respeito e principalmente de temor da igreja. O cristão do período medieval era sem dúvida um devoto assíduo onde era saliente ver o poderio dessa instituição chamada igreja, as comunidades medievais eram cada vez mais relacionadas ao modo de vida de cristão, as principais cidades da Europa como um exemplo maior Paris, já possuíam uma das maiores populações do continente europeu devido a essa grande alavancada da igreja como esse principal centro norteador do modo de vida, o laço mais próximo entre as cidades clássicas e as cidades medievais foi aquele então formado não pelos edifícios e costumes mais sim pela presença do mosteiro em cada cidade medieval, a força dessas catedrais e bem retratado por Mumford.

Na realidade, o mosteiro era uma nova espécie de pólis: uma associação, ou melhor, uma íntima fraternidade de pessoas que pensavam da mesma forma, não reunidas apenas para cerimônias ocasionais, mas para permanente coabitação, no esforço para conseguir na terra uma vida cristã, dirigida exclusivamente, como unicidade de espírito, para o serviço de Deus. (MUMFORD, 1998, p. 296)

A citação a seguir mostra de forma bem equivalente de como as catedrais foram se tornando centros formadores dessa sociedade, a igreja do século tornou-se sem sombra dúvida o marco idealizador do modo de vida medieval fazendo com que todos habitantes da Europa no período tivessem um pensamento cada vez mais santificado da mesma.

Outro ponto importante do período e das catedrais como idealizador desses centros foi observar o poder dado ao clero neste momento, onde os clérigos eram pessoas cada vez mais importantes não só espiritualmente, mas também tinham uma importância também de cunho político e econômico, os limites do espiritual já estavam ultrapassados como podemos notar na explanação de Mumford, a cerca desse poder secular.

A igreja secular achava-se presa a responsabilidade terrenas, à mercê de governantes mundano, tentados a transigir com crenças e instituições pagãs, como o culto dos Santos. Ameaçados com anarquia, os bispos foram levados a exercer uma autoridade política e até assumir uma liderança militar, quando outros poderes falhavam. Como governadores municipais, os bispos acumulavam funções de sacerdotes e governantes, à antiga maneira romana. (MUMFORD, 1998, p. 298)

Como foi visto anteriormente o clero tinha atingido um poderio muito grande em todos os aspectos na sociedade do período medieval, as cidades se tornavam cada vez mais dependentes da catedral, o poder político exercido pelos clérigos era visível em todos os momentos a igreja tinha expandido seu poderio de pensamento e além de implantar seus dogmas a seus fiéis, ela agora agia como uma espécie de instituição que implementava a ordem na maioria das cidades do período medieval, a igreja tinha atingido seu ápice econômico de forma esplendorosa, sem dúvida esse tipo de domínio teve que rivalizar com a nobreza era comum o respeito que os reis tinham perante a igreja naquele momento segundo próprio Mumford especifica esse momento.

A proteção oferecida pelos bispos rivalizava com as dos condes feudais e a expansão do próprio poder econômico da igreja, como proprietárias de terras, graças às compras e legados pios, dava-lhe uma posição que até os reis tinham de respeitar. Ao tirar o máximo partido dessas condições de penúria e oportunidade, as ordens monásticas fizeram às vezes de pioneiras: na verdade, conduziram todo o progresso urbano, oferecendo asilo sagrado aos refugiados e abrigo hospitalar ao viajante cansado, construindo pontes, estabelecendo mercados. (MUMFORD, 1998, p. 304)

A Igreja tinha de fato assumindo um poder enorme nesse período, economicamente elas eram a instituição de maior poder aquisitivo da época onde seu principal produto era fé da maioria de toda população medieval, as catedrais com toda sua beleza e imponência tinham agora alcançado quase todo o poder que uma instituição do período poderia conseguir, nenhum indivíduo do período medieval tinha por obrigação ser cristão era feito de uma forma voluntária, porém podemos analisar que neste período com o poder que foi implementado pela Igreja, ficou claro que a Igreja era o caminho mais próximo da salvação sem dúvida alguma no imaginário do período medieval, todos tinham um grande respeito pela igreja, onde esse poder foi estabelecido de forma muito ampla, e em todos os aspectos, era visível agora que a igreja não se preocupasse só com o imaginário de fé de seu cristão, agora tinha também que manter sempre atento ao poder exercido perante uma sociedade, tanto no político como no econômico essa analogia de importância que a igreja exercia e bem explicitada por Mumford principalmente na Europa Ocidental berço das grandes construções e do estilo gótico.

Na Europa Ocidental, após a queda do Império Romano, a única instituição poderosa e universal era a igreja. Ser membro dessa associação era teoricamente voluntário e praticamente obrigatório. Ser desligado de sua comunhão era castigo tamanho que, até o século XVI, os próprios reis tremiam diante da ameaça de excomunhão. Da menor das aldeias, com sua igreja paroquial, à maior das cidades,

com sua catedral, suas numerosas igrejas, seus mosteiros e santuários, a igreja estava visivelmente presente em todas as comunidades: suas torres eram o primeiro objeto que o viajante divisava no horizonte e sua cruz era o último símbolo levantado diante dos olhos do agonizante. (MUMFORD, 1998, p.319)

A Igreja exercia esse papel fundamental dentro das cidades sejam elas pequenas ou grandes. Um propósito bastante comum e visível era alcançar a unidade, uma vez alcançada essa unidade ela incentivava, mas do que suprimia a diversidade e a individualidade, era notório também que as divisões políticas fundamentais da sociedade adotadas pela igreja como a diocese, não eram só pontos em um determinado lugar de cada cidade, mas estas delimitavam uma habitação coletiva para o culto e uma autoridade espiritual nomeada que representava o papa.

Outro dado importante da época para as catedrais atingirem seu ápice econômico e político, foi necessário a grande ajuda dos seus fiéis, a igreja simbolizava sem dúvida a organização de cada cidade seja de grande ou de pequeno porte, mas o trabalho do seu fiel no período não pode deixar de ser observado, onde as igrejas e poder secular usavam a fé como principal motivo norteador para a manutenção das mesmas.

Boa parte das atividades econômicas da comunidade era dedicada ao sustento do clero e daqueles que serviam ao clero, ao passo que, de maneira semelhante, boa parte do seu capital, desviado de outras empresas possíveis pela igreja, era dedicado à construção e manutenção dos prédios eclesiásticos – catedrais, igrejas, mosteiros, hospitais, asilos, escolas, com toda a sua rica ornamentação de estátuas, ícones e pinturas. (MUMFORD, 1998, p. 319)

O poderio econômico desempenhado pela igreja no período estava explicitado, mas não podemos esquecer de modo algum da parte sacra, a igreja nunca deixou de lado seus dogmas e seus questionamentos sobre a melhor forma de conversar com Deus, a mente do homem do medievo jamais poderia ser “martelada” com seus ensinamentos mais profundos e seus anseios, mas com tudo isso a igreja assumiu sem dúvida nenhuma a paternidade da forma de pensar do homem da época, e obvio representava para cidade um sentimento de unidade onde todos podiam sem dúvida se encontrar e fazer uma análise tanto de seus lamentos, quanto de suas vitórias, tudo era de uma forma ou de outra atrelada ao poder servil da igreja, pois a mesma tinha uma instituição que desempenhava varias funções, mas sempre em busca ao meio comum, que era a triunfo da fé cristã como principal dogma a ser seguido por todos os indivíduos do período medieval.

A própria igreja era uma instituição multilateral; e o edifício da igreja desempenhou muitas funções que mais tarde foram separadas e atribuídas e instituições seculares especializadas. [...] a igreja era um centro de vizinhança, um foco da vida diária da

comunidade, nenhuma comunidade era tão pobre que não possuísse tal igreja, muito embora, no centro da cidade, pudesse existir uma vasta catedral, suficientemente grande para conter todos os seus cidadãos em ocasiões solenes ou festivas (MUMFORD, 1998, p. 320).

A igreja estava cada vez mais se tornando uma instituição de grande porte, onde estava sendo necessária sem dúvida nenhuma a aplicação de cada vez mais gente, foram essas subdivisões que estavam ocorrendo com mais frequência, mas como foi exposto anteriormente a igreja nunca perdeu seu caráter de ambiente ligado a comunidade, onde aconteciam reuniões de toda as classes da sociedade, principalmente em datas festivas, onde os habitantes das cidades, comemoravam na maioria das vezes o dia de um determinado santo. Foi provado que a fé desse período foi extremamente necessária para o sucesso da Igreja, com um centro de grande valor para as sociedades do período, onde Igreja e comunidade neste período medieval nada mais eram que uma só, procurando sem dúvida o conceito de Vida Santa. Mesmo quando fugia do pensamento e do ideal do cristão essa união produzia instituições e edifícios destinados a promover esse tipo de conceito e de padrão de vida.

Em ponto nenhum, essas instituições urbanas se separam da igreja: mas em nenhum ponto era a própria igreja separada ou separável da comunidade, já que era por contribuições tanto compulsórias quanto voluntárias, recebidas da comunidade inteira, que se constituíam as estrutura necessárias. Tudo o que o Estado territorial hoje procura fazer numa escala generalizada foi feito pela primeira vez de um modo mais íntimo, provavelmente, muitas vezes com mais senso das possibilidades humanas, na cidade medieval. (MUMFORD, 1998, p. 321)

O relato de Mumford anteriormente exemplifica de forma bem sucinta, de como a igreja foi realmente um divisor de águas dos pensamentos dessa sociedade, não só nas principais cidades do medievo como também em qualquer cidadela, do continente europeu, mas precisamente e de uma forma bem mais apreciada na Europa Ocidental, é o mais importante sem nunca deixar de lado a fé e crença nessa instituição, o homem do medievo e sem dúvida nenhuma um homem movido pelo seu lado espiritual, das mais diferentes formas possíveis, esse período foi sempre bem retratado de uma forma peculiar. A igreja atingiu seu ápice muito também pela forma que o pensamento e o ideário do homem do medievo que se comprometeram com a causa cristã essa consubstanciação entre homem e igreja foi um elo muito forte onde a mesma desempenhou um papel de grande formadora do pensamento do homem da época que fazia quase de um tudo para ver cada vez mais essas instituição crescer.

Homens que tinham pouco para comer davam parte daquele pouco para dizer orações e missas, acender velas e construir um poderoso tecido no qual a lenda, a alegoria, o dogma, e o conhecimento se cristalizavam na nave e no altar, nos vitrais

e nas pinturas murais, nos pórticos e rosáceas. Em ocasiões isoladas de grande exaltação religiosa. (MUMFORD, 1998, p. 332).

O pensamento do homem medieval estava totalmente interligado com a igreja, pois o homem do medievo foi responsável pelo grande crescimento sem dúvida da igreja perante todo período, como foi expresso anteriormente foi possível que a igreja era a maior detentora de terras na Idade Média, e foi sem dúvida com a ajuda dos seus fiéis devido à grande devoção e o apelo feito por varias vezes do setor do clero, as principais festividades que aconteciam nesse período foram sempre atreladas à igreja, com a sua devoção as relíquias e aos padroeiros de cada cidade seja ela pequena ou de grande porte, as catedrais eram ornamentadas com grande pompa e os clérigos da época, tinha sempre uma grande preparação as festas do clero eram bastante respeitadas e todas tinham sempre levavam a um ponto comum a exaltação das catedrais e de suas relíquias, essas festividades sempre consistiam numa procissão gigantesca envolvendo todos os habitantes da comunidade onde esse cortejo era percorrido por toda cidade, sempre acabando com uma grande cerimônia na catedral, como descreve de forma bem peculiar Mumford.

A chave da cidade visível acha-se no cortejo em movimento ou na procissão: acima de tudo, na grande procissão religiosa que corre pelas ruas e lugares antes de finalmente desembocar na igreja ou catedral, para a própria grande cerimônia. Ali não se vê uma arquitetura estática (MUMFORD, 1998, p.332)

Analizamos que as procissões no período medieval era sem dúvida uma dos principais acontecimentos na cidade medieval, que era organizado em comum acordo entre cidade e igreja, os fiéis realmente estavam dispostos a esse tipo de adoração a igreja, era uma verdadeira paralisação onde o homem medieval tinha uma função muito importante que era exaltar a igreja e suas relíquias a qualquer forma, o homem medieval nessas comemorações eclesiásticas agia sem dúvida nenhuma em completa comunhão com a igreja.

Como na própria igreja, os espectadores eram também comungantes e participantes: introduziram-se no espetáculo, olhando-o de dentro, não apenas de fora; ou antes, sentindo-o de dentro, agindo em uníssono, não com seres esquecidos, reduzidos a um único papel especializado. A reza, a missa, o cortejo, a cerimônia de vida, o batismo, o casamento, ou o funeral – a cidade mesma era palco dessas diferentes cenas do drama, e o próprio cidadão, mesmo quando representava seus vários papeis, era ainda um homem integral, tornado um só pela visão cósmica e mantido em tensão pelo drama humano da igreja, imitando o drama divino do seu fundador. Tão logo a unidade dessa ordem social foi rompida, tudo o que havia em volta dela entrou em confusão: a grande igreja mesma transformou-se numa seita litigante em busca do poder e a cidade passou a ser um campo de batalha de culturas em conflito e modos dissonantes de vida. (MUMFORD, 1998, p. 335)

É notório afirmar que durante todo esse trabalho podemos vangloriar da igreja como uma instituição de grande poder, como foi visto aqui elas por muito tempo se tornaram o edifício que norteava grande parte da população das cidades do medieval, e sem dúvida e correto afirmar que seu estilo arquitetônico pomposo foi um de seus principais trunfos, principalmente com a implantação do estilo gótico a partir de meados do século XII, como descreveu Gombrich que a chamou de “Igreja Militante” onde os mesmo procuravam sem dúvida cada vez solidificar esse poderio que foi logo conseguido no final do século XII para o início do século XIII onde Gombrich já cita como o da “Igreja Triunfante”, observado de maneira clara em nosso estudo aplicado realmente a igreja atingiu todo o seu ápice econômico, político e também sem dúvida alguma o ápice religioso, não podemos deixar esse período de certo declínio exacerbado da Igreja Católica, onde até culturalmente os novos artistas não só produziam mais igrejas e esculturas e de bom grado afirmar que grande parte da burguesia também gostaria bastante de angariar com suas construções belíssimas usadas para as suas casas e palácios, foi uma ruptura bastante lenta e gradual, o poderio arquitetônico da igreja na época não era o único elemento que espantava grande parte da população medieval agora esse mesmo elemento vinha acompanhado do poderio econômico alcançado nesse período onde este elemento era bastante observado principalmente pela burguesia da época.

A verdade é que, embora a Igreja, dada a sua presença e missão universal, dominasse todos os aspectos da vida medieval, o próprio triunfo dessa instituição a confundia com os negócios deste mundo. Como preço da continuação de seu ministérios, a Igreja aceitou os mesmos compromissos fatais que haviam impelido todas as civilizações urbanas anteriores, quer ao tempo de Assurbanipal, quer com Pércles, à sua ruína final. A preocupação ideal da Igreja com o Além, o único reino sobre o qual professava plena autoridade, foi solapada por sua própria materialização, que a levou a procurar um correspondente visível de seu estado sagrado favorito, mais magnífico do que qualquer rival terreno poderia possuir. (MUMFORD, 1998, p.379).

Obviamente foi bastante claro também que as grandes obras arquitetônicas do século seguinte não ficassem só atreladas as igrejas, como falei anteriormente esse os cortesão e burgueses do período também gostariam muito de se embebedar com esses grande poderio artístico conseguido nesse momento, onde ate os próprios arquitetos do período estavam dispostos de ampliar seu horizontes a fim de produzir outro tipo de arte, esse mudança ocorre muito no século XIV ainda utilizando em suas grandes construções o estilo gótico, mas com algumas mudanças, podemos avaliar esse momento de uma menor expressão artística voltada para a igreja na explanação feita por Gombrich, que resume de maneira bem sucinta esse período de transição.

O século XIII tinha sido o século das grandes catedrais, nas quais quase todos os ramos da arte tiveram seu quinhão. O trabalho nesses imensos empreendimentos prosseguiu no século XIV e ainda mais além, mas já não eram o principal foco da arte. Cumpre recordar que o mundo sofrera grandes transformações durante esse período. Em meados do século XII, quando o estilo gótico começou a se desenvolver, a Europa ainda era um continente escassamente povoado de camponeses, com mosteiros e castelos de barões como principais centros de poder e instrução. A ambição dos grandes bispados de terem poderosas catedrais próprias que funcionassem como séis episcopais foi a primeira indicação do despertar de um orgulho cívico dos burgos e das cidades. Mas, cento e cinquenta anos depois, essas cidades haviam-se convertido como centro formigantes de comércio, cujos burgueses se sentiam cada vez mais independentes do poder da Igreja e dos senhores feudais. Os próprios nobres já não viviam mais independentes do poder da Igreja e dos senhores feudais. Os próprios nobres já não viviam mais uma vida de torva segregação em seus castelos fortificados, preferindo mudar-se para as cidades com seu conforto e luxo requintado, para aí exibirem sua riqueza nas cortes dos poderosos. (GOMBRICH, 1993, p. 154)

As mudanças sempre ocorriam ao longo da Europa nos grandes centros, ate na própria França e na Inglaterra berço das grandes construções dessas grandes catedrais e possível notar essas mudanças em suas arquiteturas, e em qual sentido tinha se mudado o modo como os artistas pensavam. É correto avaliar que nesse período de transição os artistas estavam mais dedicados ao refinado do que para o grandioso, adjetivo este que se referem principalmente as grandes catedrais construídas nesse período. Essa mudança Gombrich Explica de maneira bem peculiar fazendo um aparato e até dando títulos aos estilos surgidos na época nesse período de pura transição.

Na Inglaterra, distinguimos entre o estilo gótico puro das primeiras catedrais, que e conhecido como *Inglês Primitivo*, e os desenvolvimentos ulteriores dessas formas, conhecidos como *Estilo Decorado*. O nome indica mudança de gosto. Os construtores góticos do século XIV já não se contentavam com os claros e majestosos contornos das catedrais anteriores. Gostavam de mostrar sua habilidade na decoração e nos rendilhados complicados. (GOMBRICH, 1993, p.155)

Como foi demonstrada anteriormente a Igreja realmente foi perdendo de forma mais clara esse amplo reinado como o edifício “mor” de cada cidade, o desenvolvimento econômico implantando por essas cidades foi vindo de maneira bastante avassaladora, e não podemos deixar de lado que a própria Igreja foi o principal elemento norteador para esse desenvolvimento devido o seu grande apelo ao poder econômico exacerbado no período Mumford historiciza esse momento de forma bem explicita.

Justamente a Igreja, como a mais rica das instituições da cristandade, era o cenário daquela sórdida revolução. Não importa quantos santos individuais pudesse continuar apresentando, mas seu próprio exemplo terreno não era de molde a corrigir aqueles que procuravam a riqueza em quantidade cada vez maiores no mercado, o poder no campo de batalha, ou despojos e tesouros numa cidade conquistada. Isso

talvez explique por que o cristianismo não criou a Cristianópolis. (MUMFORD, 1998, p. 381)

O termo usado por Mumford “Cristianópolis”, retrata bem esse estigma da Igreja como o centro das cidades no período medieval, onde a mesma foi por muito tempo esse centro de vivência no período medieval, onde o habitante desse momento da história a tratava como a principal instituição e seus ensinamentos sagrados deveriam ser obedecidos à risca, não foi por esse motivo que eles deixaram de ser seguidos, mas juntamente com esse poderio adquirido pela Igreja que as cidades estavam sendo cada vez mais necessárias de vários outros tipos de edificações, e não obstante os burgueses da época observando esse poder econômico e hegemônico da Igreja se obrigou na necessidade de intervir nesse processo que duravam quase duzentos de amplo domínio. Outra classe que teve grande influencia para essa transição foi sem duvida nenhuma a classe dos artistas da época que se viram na obrigação de uma forma mais ampla de construção onde essas mesmas, pudessem de várias formas ampliarem as cidades e diminuir a concentração de poder que era basicamente depositada todas nas mãos da Igreja, junto com seus representantes.

As igrejas não mais constituíam as principais tarefas dos arquitetos. Nas cidades prosperas e em continua expansão, muitos edifícios tiveram que ser projetados e construídos: municipalidades, sedes de corporações, universidades, palácios, pontes e portas das cidades. [...] (GOMBRICH, 1993, p. 155)

É interessante não deixar de lado que esses artistas voltados para esse novo estilo, imposto pelas cidades, realmente mudaram o foco para outros tipos de construções porém e necessário analisar também que esses grandes edifícios mesmo com todo o seu deleite em ornamentos e rendilhados, nunca foram capazes de perder seu estilo de grandeza e imponência das grandes catedrais.

Mas mesmo assim as cidades precisam desses novos edifícios, pois era sempre necessário devido ao grande crescimento econômico e não só populacional das cidades, o modo de pensar do habitante do período medieval da época já havia sofrido uma renovação bastante peculiar, pois não obstante a pobreza era evidente ainda dentro desses grandes centros na Europa no século XIV, e como já havíamos falado antes a própria Igreja foi também norteadora por essa forma e esse novo estilo de pensar, de agir, nas sociedades medievais, pois seu grande aparato econômico que despertou o interesse dessas outras classes e existentes no período a Igreja agora não era só observada como a grande instituição

filantrópica da Idade Média, mas sim com uma grande instituição formada por vários homens que também estavam dispostos a angariar seus interesses.

O ponto culminante da arquitetura gótica e da cultura medieval foi alcançado no século XIII. No século seguinte, tornou-se evidente que as forças que poderiam ter desejado introduzir na cidade medieval um modo cristão de vida haveriam de encontrar sua oposição mais grave, não, a princípio, no mercado, mas dentro da própria Igreja. O grande símbolo do esforço no sentido de estabelecer o espírito cristão original – e também da sua decisiva derrota – [...] (MUMFORD, 1998, p. 381)

## CONCLUSÃO

Elaboramos nesse trabalho uma breve explanação de como as catedrais contribuíram para se tornarem os grandes edifícios das cidades no período medieval principalmente no século XII e XIII, foi expressa aqui a forma como esses suntuosos edifícios foram cada vez mais junto com o clero tomando o pensamento do homem do medievo, e de que forma o estilo arquitetônico gótico somou para essa conquista. Podemos observar sem que sem sombra de dúvidas que o século XII e XIII, foi o grande tempo das catedrais como centro formador dessa sociedade, onde esta mesma, passou a se desligar mais do período chamado Idade das trevas, as construções dessas suntuosas catedrais foi um marco no estilo de vida do homem medieval.

Outro ponto a ser explorado que as construções dessas catedrais foram sem sombra de dúvida a maior forma de expressão de arte nesse período, os artistas e arquitetos do século XII e XIII, foram homem de magníficos saber, sempre preocupados em demonstrar da maneira mais explícita esse vislumbre, o gótico foi estilo que marcou esse período de uma forma bastante clara, o artista desse período observou que abobadar as paredes dessas catedrais criando um ar de paz fazendo com que a luz de fora possa adentrar dentro da catedral foi um marco e a grande sacada estes estilos arquitetônicos tiveram a finalidade da verticalidade e do luxo, onde os homens desse período ficaram impressionados e ao mesmo tempo puderam sentir que a verdade se encontrava dentro daquelas paredes enormes, que as novas catedrais desse momento precisavam realmente ser atingidas pelas mãos desses grandes artistas, podemos atentar também que esse período ultrapassou as barreiras do imaginário de cada mestre onde as suas esculturas e relíquias triunfaram junto com o poderio conseguido pela igreja.

A Igreja e seus representante foi à classe bem mais abastada do século XII, o luxo implementado nessas suas construções foram empregados de forma bem sucinta, como disse

Gombrich que usa esse período de vitória conseguido pela Igreja, a “Igreja Triunfante” do século XII e XIII, passou a maior parte da Idade Média como realmente sendo o centro norteador dessa sociedade, e foi usando a fé desse povo bastante temente ao sacro e a Deus, que ela conseguiu atingir seu ápice, foi visto aqui que as principais cidades e ate mesmo as pequenas cidadelas desse período surgiram ao redor dessas igrejas.

E correto e podemos perceber sem dúvida que a continuação desse poderio ficaria inviável, pois a Europa ao final desse século XIII passava por um período de conscientização principalmente por parte da burguesia, onde se partia pelo simples pressuposto que a Igreja não poderia ser a única instituição a prevalecer com todos esses privilégios, sem duvida alguma durante muito tempo Igreja e homens medievais caminharam lado a lado em busca de uma unidade, que era a salvação através da fé, principalmente no culto as suas relíquias, mas como foi proposto neste trabalho a Igreja é uma instituição dominada por homens onde estes mesmos também sempre procuravam seus interesses.

### **Abstract**

The purpose of this work and bring a reflection on the impact the cathedrals in the cities of the medieval period of the 12th and 13th century, evaluating how Churches have become the main buildings of European cities, paying attention to the development of cities mainly in Western Europe, cradle of Gothic style, both in economic aspects, cultural and especially religious, to propose a preliminary reading both of the main styles of Gothic architecture. This article will have historic basis in names like Bastide (1971), Gombrich (1993), Lewis Mumford (1998) and Williamson (1998).

**Keywords :** Cities. Gothic.Architecture. Cathedrals

### **REFERÊNCIAS**

BASTIDE, Roger. **Arte e Sociedade**. Tradução de Gilda de Mello e Souza. 2ª. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, Editora da USP, 1971.

COLI, Jorge. **O que é arte**. 15ª. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

FOLLET, Ken. **Os pilares da terra**. Tradução de Paulo Azevedo. Rio de janeiro: Editora Rocco Ltda, 1991.

GOMBRICH, E. H. **A História da arte**. 15 ed. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Guanabara Koogans S.A., 1993.

MUMFORD, Lewis. **A cidade na história suas origens, transformações e perspectivas**. Tradução de Neil R. da Silva. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1998.

SIMON, Otto Von. **A catedral gótica**. Origens da arquitetura gótica e o conceito medieval de ordem. Lisboa: Editorial Presença, 1991.

TAVARES, Henio. **Teoria literária**. Ed. Itatiaia: Belo Horizonte, 1978.

WILLIAMSON, Paul. **Escultura Gótica 1140 – 1300**. Tradução de Luiz Antônio Araújo. São Paulo: Cosac & Naify, 1998.